A Eucaristia, fonte de misericórdia e de alegria

CENTRO DE ESTUDOS DO ROMÂNICO E DO TERRITÓRIO

Fotografia da capa: Ostensório, pormenor. Igreja de São Tiago de Figueiró, Paços de Ferreira.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Rota do Românico

EDIÇÃO
Centro de Estudos do Românico e do Território

COORDENAÇÃO GERAL
Rosário Correia Machado | Rota do Românico

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Gabinete de Planeamento e Comunicação | Rota do Românico

SELEÇÃO DAS PEÇAS
José Augusto Costa | Rota do Românico

TEXTO
Isabel Maria Fernandes [IMF] | Museu de Alberto Sampaio
Maria José Queirós Meireles [MJQM] | Museu de Alberto Sampaio

TEXTO (APOIO)
Alexandra Pacheco | Museu de Alberto Sampaio

IDENTIFICAÇÃO DAS MARCAS DE OURIVESARIA
Manuela de Alcântara Santos

FOTOGRAFIA
Miguel Sousa | Museu de Alberto Sampaio

DESIGN E PAGINAÇÃO
Furtacores – Design e Comunicação

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1000

DATA DE EDIÇÃO
1.ª Edição | Setembro de 2017

ISBN
978-989-97769-7-5

DEPÓSITO LEGAL
431 861/17

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Centro de Estudos do Românico e do Território
Praça D. António Meireles, 45
4620-130 Lousada
T. +351 255 810 706
F. +351 255 810 709
rotadoromanico@valsousa.pt
www.rotadoromanico.com

A Eucaristia, fonte de misericórdia e de alegria

Catálogo da exposição de arte sacra da Vigararia de Paços de Ferreira

Índice

Em memória de D. António Francisco
dos Santos (1948-2017), bispo do Porto.

A apresentação do património artístico religioso da Vigararia de Paços de Ferreira resultou de uma conjugação de vontades e do desafio lançado à Rota do Românico para promover uma exposição dedicada ao importante espólio das paróquias da Vigararia, tendo como elemento de partida o Mosteiro de São Pedro de Ferreira, monumento que integra o nosso projeto.

Sendo para nós as várias dimensões patrimoniais tão significativas, o património artístico religioso torna-se também ele num valioso fator identitário de uma região e um incontornável testemunho histórico.

A Rota do Românico assenta a sua matriz na importância de um conjunto de monumentos de estilo românico, inserido no seu território e sociedade, nos quais os objetos religiosos e a religião refletem a forte herança patrimonial, como elementos humanizados e identitários de uma comunidade.

Se toda a Rota do Românico se destaca pela riqueza do seu património, pretendemos, com esta iniciativa concreta, estimular a conciliação do valor do património existente com a necessidade de o preservar e salvaguardar, enquanto legado cultural e pilar de conhecimento.

Esta publicação irá permitir pôr em relevo a dimensão histórica, eclesiástica, artística e religiosa dos objetos expostos e, por outro lado, a forma como este tipo de património se encontra (des)valorizado.

Estes objetos comprovam a importância do património como elemento agregador de identidades culturais, refletindo a herança religiosa e simbólica dos territórios.

Assim, é necessário apelar ao zelo pelo património, o qual não se concentra apenas em imóveis, alfaias e outros objetos valiosos pela matéria e pela arte, mas que se estende também a tudo aquilo que traduz a vida e a história das comunidades.

Esta é uma preocupação de todos os agentes. Na verdade, o património é instrumento de vida, de humanidade, da nossa humanidade…, saibamos ser dinamizadores e transmissores responsáveis dessa mesma memória para as gerações vindouras.

ROSÁRIO CORREIA MACHADO
Diretora da Rota do Românico

Pórtico

O Ano Santo da Misericórdia, que por iniciativa do Papa Francisco há pouco tempo vivemos, trouxe à Igreja e ao Mundo a redescoberta mais visível e reafirmada de que o amor de Deus está ao alcance de todos nós.

Deus vem ao nosso encontro como Pai, rico de misericórdia. A misericórdia divina espelha-se em Jesus Cristo, rosto da misericórdia do Pai.

A Igreja, por seu lado, animada pelo Espírito, que procede do Pai e do Filho, é chamada a ser Mãe de Misericórdia, Mãe de rosto terno e de coração materno.

Concluiu-se o Jubileu Extraordinário da Misericórdia mas não terminou nem a necessidade de misericórdia nem o sentido da misericórdia, acolhida como virtude essencial na missão da Igreja e na vida dos cristãos.

Pertence-nos continuar a percorrer os caminhos pastorais que o Ano Santo da Misericórdia nos abriu para levarmos o amor misericordioso de Deus a todas as pessoas, famílias e comunidades.

É neste contexto de continuidade das iniciativas do Ano Santo da Misericórdia que surge, um ano depois, a concretização deste sonho da Vigararia de Paços de Ferreira ao realizar uma exposição temática de arte sacra, centrada na Eucaristia.

Ao convidar os seus discípulos para, de acordo com a tradição judaica se reunirem no Cenáculo para a celebração pascal, Jesus não tomou uma decisão de rotina. A poucos momentos de ser entregue nas mãos dos inimigos, o que Ele fez foi «um ato criador e transformante». Transformou aquele momento aparentemente neutro, igual ao culto celebrado àquela hora em todas as famílias judias, numa hora de graça e fez de uma ritual refeição judaica um ato sacramental e pascal, para que o realizássemos também nós em Sua memória.

Os discípulos convocados, a refeição preparada, a mesa posta e o drama da paixão e morte de Jesus a aproximar-se criaram o ambiente único e sagrado deste dom divino e deste manancial de graça que é a Eucaristia.

É, por isso, que da raiz de uma traição que abre as portas a uma condenação injusta e decide uma morte violenta nasce o dom da vida obediente até à morte, transformado em alimento de vida para a humanidade e razão de esperança para o mundo.

Não é em vão que a Eucaristia quando nos parte o Pão da Vida, nos reparte igualmente a misericórdia divina e nos fortalece na esperança de quem sabe que ali se inicia uma nova e eterna Aliança entre Deus e a Humanidade.

A Eucaristia é memorial vivo e santo da paixão, morte e ressurreição de Cristo, onde se manifesta o amor de Deus, rico de misericórdia! A Eucaristia é mistério admirável da nossa fé, fonte de vida e pão repartido para a salvação do mundo!

No ano de 304, na África do Norte, um grupo de cristãos foi preso por se ter reunido para celebrar a Eucaristia num domingo. Quando o procônsul perguntou ao dono da casa porque tinha aquelas pessoas, este respondeu que elas eram seus irmãos e irmãs. Quando o procônsul insistiu de novo que deveria ter-lhes proibido a entrada, o dono da casa respondeu que não podia: «Quoniam sine Dominico non possumus». O então cardeal Ratzinger traduziu assim o texto: «Sem o Dia do Senhor, não podemos viver». E comentou. «Para eles, não era uma questão de escolha entre o preceito e outro, mas antes de escolha entre tudo o que dava consistência à vida e uma vida sem sentido». Por isso guardar o Dia do Senhor, vivido e centrado na Eucaristia, deverá projetar luz sobre a diferença que a fé traz às nossas vidas, enquanto cristãos (cf. Timothy Radcliffe, Ser cristão para quê, pág. 283, Paulinas, Lisboa, 2011).

Felicito a Vigararia e as Paróquias, os Párocos e as Comunidades de Paços de Ferreira pela bela iniciativa desta exposição que valoriza o nosso património e nos reúne e congrega à sua volta para o conhecermos e contemplarmos.

Nesta iniciativa de cultura e de pedagogia catequética somos convidados a percorrer, com criatividade e alegria, os caminhos de renovação e de dinamismo pastoral que o Jubileu da Misericórdia nos ofereceu e que de acordo com o nosso Plano Diocesano de Pastoral, agora retomamos sob o lema «Movidos pelo amor de Deus».

Esta iniciativa manifesta-nos, por último, que a história, o património e a arte conjugam harmoniosamente a beleza e a fé e ajudam-nos a acolher a misericórdia de Deus, a levar esta certeza do amor divino ao coração de cada pessoa e a irradiá-la com alegria junto das nossas comunidades.

É tempo de agradecer aos sacerdotes e às comunidades que viveram com inexcedível disponibilidade e permanente dedicação o Jubileu da Misericórdia.

Importa agora acolher tantas iniciativas pastorais que, no decorrer de cada tempo, a misericórdia divina traduz em obras de misericórdia, realizadas com alegria.

Recordemos, por fim, a recente afirmação do Papa Francisco: "A Eucaristia tem lugar central na Igreja, porque é a Eucaristia que faz a Igreja".

D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS
Bispo do Porto

Ícone de beleza

A beleza nunca é excessiva. Podem ser excessivos, por desadequados, os seus aproveitamentos indevidos, as suas manipulações. A vaidosa ostentação da beleza, essa sim, incomoda e desvirtua-a.

Passam os tempos, transitam as pessoas, mudam-se os contextos, transfiguram-se as sociedades. Mas toda esta itinerância é atravessada por inalteradas marcas de fundo. Uma é a busca da Beleza, o encontro com a Beleza. Busca confessada ou não; expressada na interminável variedade, pessoal e circunstancial, dos seus atores.

As expressões, de qualquer tipo, da relação do ser humano com Deus manifestam, com maior ou menor clareza, a busca da Beleza inacessível. Apontam a uma Meta mais ou menos distante e nunca plenamente alcançada. Por isso, os modos são os mais variados e, ao mesmo tempo, expressivos do horizonte de cada pessoa, de cada instituição, de cada tempo. Por mais díspares que se nos apresentem, não dispersam, somam.

E como todas as expressões somam, sempre que as esquecemos atrasamos no caminho. Por isso, menosprezar esta herança, nas suas múltiplas manifestações, é descalçar o futuro. Sem memória, crescem os falsos protagonismos e compromete-se a aproximação à Beleza.

Os rastos da busca de Deus, em toda a sua variedade, são património da Humanidade. O Cristianismo, sem secundarizar qualquer outra tradição, é um imprescindível capítulo dessa busca e desse encontro. Um encontro que resulta menos de uma busca e mais de deixar-se encontrar.

A exposição "A Eucaristia, fonte de misericórdia e de alegria", iniciativa da Vigararia de Paços de Ferreira, com a valiosa colaboração da Rota do Românico, é apenas uma pequena amostra de formas de beleza de quem procura a Beleza. As peças, criadas aqui, ou, eventualmente, num contexto geográfico mais amplo, têm a sua primeira raiz no coração de quem as sonhou e, com carinho e generosidade, as tornou possíveis. São memória de um Povo que acreditou (e acredita) no inefável Mistério de Amor que é a Eucaristia. E rodeou esta presença do Deus que assumiu a nossa humanidade dos modos mais expressivos e variados que lhe foi possível.

Esta multifacetada herança e a sua representação são mais que um exercício de memória. São um alicerce sobre o qual se continua a abrir um caminho com final feliz. São convite a difundir, com coração misericordioso, o perfume da Beleza por todos os companheiros de caminho e, já, fonte de alegria.

+PIO ALVES
Membro da Comissão Episcopal da Cultura,
Bens Culturais e Comunicações Sociais

A Eucaristia, fonte de misericórdia e de alegria

Esta exposição surgiu no contexto da temática do Ano Santo da Misericórdia, que decorreu entre o dia 8 de dezembro de 2015 e 20 de novembro de 2016, proclamado pelo Papa Francisco. No encerramento deste ano jubilar, o Papa desafiou a Igreja com estas palavras: "embora se feche a Porta Santa, continua sempre escancarada para nós a verdadeira porta da misericórdia que é o coração de Cristo". É na Eucaristia que podemos viver e comungar o amor deste coração, onde está a fonte da misericórdia e da alegria.

Este evento pretende ser mais um trabalho da pastoral vicarial, despertando, assim, as gentes desta(e) Vigararia/Concelho para as várias peças de arte sacra, num património significativo, que cada uma das paróquias possui. É a primeira vez que é possível mostrar a todos o espólio de peças de vários séculos, usado na liturgia, nomeadamente na Eucaristia, em todas as nossas comunidades paroquiais.

Esta primeira exposição realiza-se no Museu Municipal de Paços de Ferreira, em cujo vale encontramos um dos ex-líbris do românico português, o Mosteiro de São Pedro de Ferreira, Monumento Nacional e um dos mais importantes bens patrimoniais da Rota do Românico.

A exposição apresenta cerca de 50 peças, algumas delas muito antigas, e fazem parte do inventário do património móvel que as paróquias da Vigararia de Paços de Ferreira há vários anos fizeram, num trabalho em conjunto com a Diocese do Porto. Gostaríamos muito que este tempo de espiritualidade pudesse transmitir a todos os visitantes, crentes ou não crentes, um encontro com a arte que eleva o espírito. Trata-se de um extraordinário meio de contacto com as várias faixas etárias das nossas comunidades e mais um excelente meio de evangelização.

Poderemos ver no percurso da exposição uma catequese sobre a Eucaristia, fonte de misericórdia e de alegria. A Eucaristia é o coração de toda a liturgia, onde podemos encontrar o Senhor Jesus e comungar da Sua mesa e da Sua palavra, fortalecendo as nossas vidas para podermos partir em missão, levando ao mundo a alegria do Evangelho.

Este trabalho acontece graças ao empenho da Vigararia de Paços de Ferreira. Mas, queremos agradecer: ao Senhor D. Pio Alves, que nos acompanha na dinamização pastoral desta região, a grande ajuda e colaboração no lugar do verdadeiro mestre; à Rota do Românico, na pessoa da Dra. Rosário Correia Machado, que desde a primeira hora mostrou disponibilidade com todos os meios técnicos e logísticos para a sua realização; à Dra. Isabel Fernandes, diretora do Museu de Alberto Sampaio - Guimarães, e a toda a sua equipa que, de uma forma eficiente e entusiasmante, conduziram a organização desta exposição; e à Câmara Municipal de Paços de Ferreira, na pessoa do seu Presidente, Dr. Humberto Brito, no apoio e atenção dispensada.

P[e] SAMUEL GUEDES
Vigário de Paços de Ferreira

O Altar

N.º: 1

Designação: Altar-mor
Cronologia: Séc. XX, 2.ª metade
Descrição: Altar composto por uma mesa ligeiramente saliente, assente sobre um suporte de forma paralelepipédica composto por blocos de granito dispostos sobre uma laje do mesmo material. O altar está colocado em cima de um degrau no centro da capela-mor e a sua mesa possui encastrada uma pedra de ara talhada num só bloco e consagrada. É sobre ela que se realiza a eucaristia.
Material: Granito
Dimensões (cm): A. 118 x L. 200 x P. 92
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: Sem inventário

“Tomando uma taça, deu graças e disse: ‘Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus.’ Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.’ Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós’.”

LUCAS 22: 17-20

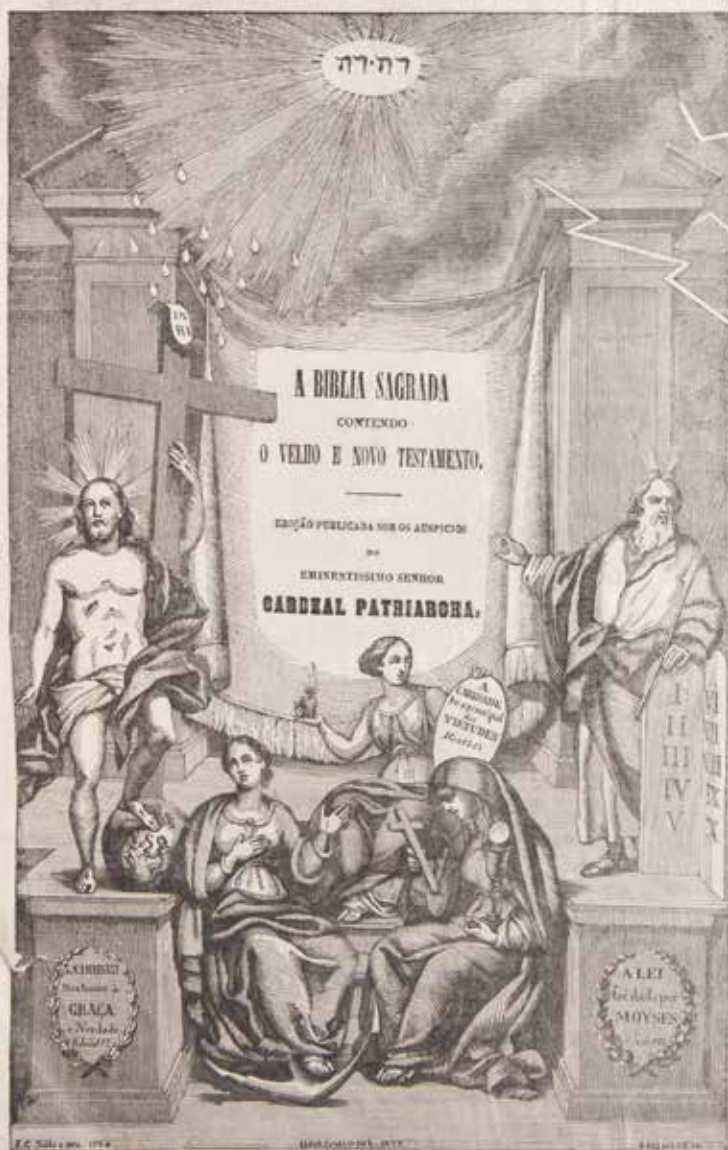
O altar é o local mais sagrado de uma igreja, porque é nele que Cristo se torna presente no momento da consagração, manifestando a união com o seu povo. Após a liturgia da Palavra, em que os crentes ouvem as leituras sagradas na sua própria língua, é no altar que o sacerdote prossegue o ritual, lembrando a Última Ceia de Jesus e o Seu Sacrifício para salvar a humanidade.

O altar é uma mesa colocada junto do presbitério, elevada sobre alguns degraus, geralmente evidenciada na parte superior por um baldaquino ou uma abóbada, e voltada para os crentes. É sobre ela que o sacerdote celebra a Eucaristia. Por isso, possui no centro, encastrada, uma pedra de ara consagrada pelo bispo com o santo óleo do crisma, onde estão depositadas algumas relíquias de santos e sobre ela uma toalha de altar, que pode ser ornamentada com rendas ou bordados nas orlas, e que nos recorda a Última Ceia de Jesus. Junto dele possui um crucifixo com a imagem de Cristo, algumas velas em honra de Jesus, a luz do mundo, e um missal com os textos necessários à celebração da missa.

Embora este ritual se perpetue, houve épocas em que era ligeiramente diferente. Nos primeiros tempos do cristianismo, o ritual era simples e claro, com o altar ao centro para que todos os crentes se pudessem irmanar no ritual eucarístico. Alguns séculos mais tarde, já na época medieval, o altar passou para a abside da cabeceira da igreja, ficando o sacerdote a orar de costas para os crentes. A frente do altar era então decorada com um frontal constituído por uma armação de tecido, pele ou outro material, de preferência com a cor litúrgica do dia, e a parede fundeira era frequentemente ornamentada com um retábulo em talha dourada, que harmonizava várias imagens ou pinturas devocionais para doutrinação e piedade dos fiéis. O ritual era, na época barroca, profundamente regrado e extraordinariamente magnificente, atingindo uma enorme grandiosidade. Subia-se ao altar-mor e sobre ele havia uma almofada para amparar o missal, três sacras para orientar o sacerdote e, no fundo, uma banqueta, que deveria ser revestida de prata, com cerca de três pares de castiçais, uma cruz ao centro e no espaço intermédio relicários, jarras de flores ou imagens, geralmente dos quatro evangelistas. O altar era ladeado por duas credências para colocar as alfaias litúrgicas.

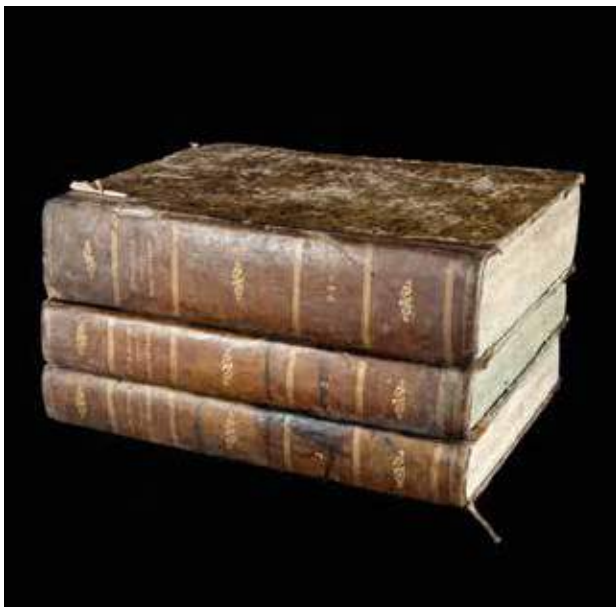
Com o Concílio Vaticano II (1962-1965), o altar regressou a uma posição mais central, o que permitiu ao sacerdote celebrar de frente para a comunidade, ou rodeá-lo processionalmente. As flores, os castiçais, os quais podiam variar entre dois a sete, e a cruz permanentemente em evidência, podiam ficar junto do altar de forma a deixá-lo visível para destacar a celebração. A liturgia foi reformada, a missa foi simplificada e passou a ser falada na língua nacional, para que a comunidade tenha uma participação consciente e ativa, abrindo-se à humanidade. [MJQM]

Os Livros Sagrados

A BIBLIA SAGRADA
CONTENDO
O VELHO E NOVO TESTAMENTO,
EDIÇÃO PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS
DO
EMINENTISSIMO SENHOR
CARDEAL PATRIARCHA.
GRAÇA
A LEI
MOYSES

“A nossa carta sois vós, uma carta escrita nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. É evidente que sois uma carta de Cristo, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações.”

2 CORÍNTIOS 3: 2-3

O cristianismo é uma religião do Livro, pois tem na Bíblia Sagrada a base da sua crença. Ela une o Antigo Testamento, escrito antes do Messias nascer, e o Novo Testamento com os ensinamentos de Jesus Cristo e dos seus apóstolos.

Quando o cristianismo apareceu, havia uma premente necessidade de transmitir os textos sagrados à comunidade cristã, de uma forma prática e perdurável. Inicialmente, essa necessidade foi suprida pelo *volumen,* um rolo em papiro, escrito, que mais tarde foi substituído pelo pergaminho, mais durável e fácil de obter. Com estes materiais faziam-se rolos de comprimento variável, formados por várias folhas unidas entre si, e enroladas sobre uma vareta de madeira, com extremidades em osso, marfim, prata, ouro, ou pedras preciosas. Mas, tratava-se de um suporte de difícil manuseamento, com grande desapro-

N.º: 2

Designação: Bíblia Sagrada
Cronologia: 1832-1857
Descrição: IGREJA CATÓLICA – *Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento*. Trad. Padre António Pereira de Figueiredo; il. com prefaciação, notas, lições variantes, etc. Lisboa: Silva & Sousa, 1852-1857. 3 vol.
Frontispício com gravura de alegoria. Assinatura impressa: *IC Silva a inv* (1794); *Boldallo del.* (1832); *Coelho grav.*
Capa dura, tábuas revestidas a papel marmoreado.
Lombada e cantos em pele gravada com ferros a quente.
Material: Papel e couro
Dimensões (cm):
PLC0.0046 - A. 32 x L. 22,7 x P. 4,5 (vol.1)
PLC0.0045 - A. 32 x L. 22,7 x P. 4,8 (vol. 2)
PLC0.0044 - A. 32 x L. 22,7 x P. 7 (vol. 3-4)
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Penamaior, Divino Salvador
N.º Inv.: PLC0.0045 (3)

veitamento de material e que não conseguia comportar uma obra inteira. Por isso, lentamente, foi sendo substituído pelo códice, de onde deriva o livro atual. Este constava de um conjunto de cadernos solidários, presos e protegidos por uma encadernação.

Como a doutrinação e a meditação são indispensáveis no culto cristão existem, por isso, muitos livros que são necessários ao ritual. Alguns deles são testemunho de fé e complementam o ato sacrificial que é a Celebração Eucarística. Enumerando alguns dos livros sagrados usados durante a Santa Missa, temos o Evangeliário ou Livro dos Evangelhos, que é trazido solenemente para o altar por um diácono, e depois é levado para o ambão, um lugar mais alto, espaçoso e fixo, onde é feita a proclamação solene do Evangelho. O Missal Romano é outro livro sagrado, que contém o ritual da missa e a oração eucarística própria para o sacerdote celebrante. O Lecionário é um livro usado na Liturgia da Palavra, que contém as leituras recomendadas para cada missa que se vai celebrar. Reparte-se pelo Lecionário Dominical ABC, o Ferial,

N.º: 3

Designação: Missal
Cronologia: 1668
Descrição: IGREJA CATÓLICA – *Missale Romanum: ex decreto sacrosanti Concilii Tridentini Restitutum.* Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1668.
Encadernação em pele, gravada a seco, decorada com motivos geometrizados. Possui fechos e brochos em latão. Decoração com muitas incorreções.
Material: Papel, couro lavrado, latão
Dimensões (cm): A. 36 x L. 24 x P. 8,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Meixomil, Divino Salvador
N.º Inv.: PL90.0037

o Santoral e o das Missas Rituais e outras. A Liturgia das Horas, ou Breviário, trata das orações diárias nos diferentes momentos ou horas do dia, através da leitura de passagens bíblicas, de salmos e cânticos, e de preces, que podem ser lidas em comunidade ou não.

A bibliografia religiosa católica é abundante e muito diversificada. Ajuda o crente a aprofundar os seus conhecimentos, a aumentar a sua fé e a caminhar para Deus. [MJQM]

N.º: 4

Designação: Missal
Cronologia: 1808
Descrição: IGREJA CATÓLICA – *Missale Romanum: ex decreto sacrosanti Concilii Tridentini Restitutum.* Olissipone: Ex Tipographia Regia, anno 1808.
Frontispício com gravura de alegoria ao Santíssimo Sacramento. Assinatura impressa: *Silva fecit.*
Encadernação em pele, gravada a seco, decorada com motivos geometrizados. Possui fechos e brochos em quincôncio, de latão.
Material: Papel, couro lavrado, latão
Dimensões (cm): A. 30 x L. 21 x P. 7
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL30.0043

A Estante
ou Atril

"(…) nem só de pão vive o homem;
de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá."
DEUTERONÓMIO 8:3

"Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.' Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele."
LUCAS 4: 16-20

N.º: 5

Designação: Estante de Missal ou Atril
Cronologia: Séc. XIX-XX
Material: Madeira recortada, pintada e dourada
Dimensões (cm): A. 27,3 x L. 27 x P. 35
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Freamunde, Divino Salvador
N.º Inv.: PL72.0022

A Liturgia tem como auxiliar precioso o livro. Para que ele seja bem utilizado, deve ser colocado de forma visível, de modo a facilitar a leitura e não sofrer qualquer degradação.

Desde a Idade Média que era bastante comum usar uma almofada de apoio sobre o altar, como suporte do livro. Geralmente, era executada em tecido de seda, da cor do tempo litúrgico, e adornada com franja e borlas, como forma de apresentação e de respeito. São Carlos Borromeu, por exemplo, recomendou que a almofada não devia ser preenchida com material suave, mas com lã prensada ou pelo de veado, para a fortalecer e evitar que o missal afundasse. O uso desta peça, acessível e fácil de obter, prolongou-se no tempo e ainda é usada nos nossos dias, embora tenha começado a ser lentamente substituída pela estante de pousar. A estante de pousar no altar

surgiu no final da Idade Média e o seu uso regularizou-se no século XVI, quando a serventia da almofada entrou em decadência. São Carlos Borromeu especificou que não se deveriam juntar as duas peças, mas que para facilidade e comodidade de leitura, se poderia realçar o livro através de uma estrutura de suporte formada por ripas unidas, ou seja, usando uma estante de pousar rudimentar, muito simples e manuseável, com o suporte inclinado e regulável, a qual foi sendo melhorada. Conjuntamente com estas formas de apoio, existiu também outro tipo de estantes para livros, que dependiam das características do livro, da época em que era utilizado e da finalidade do uso. No caso de um livro de grande dimensão, pesado e destinado a ser visto simultaneamente por várias pessoas de uma comunidade religiosa no coro de uma igreja, seria utilizada uma estante monumental de coro, também designada atril, de grandes dimensões, geralmente com o tampo em quadrilátero, ligeiramente inclinado e rotativo, apoiado sobre um pé de grandes dimensões. Eram peças muito robustas, executadas em madeira e tinham por vezes reforços em metal.

Existia também o fascistol, uma estante de coro de menores dimensões, em forma de águia com as asas abertas, que sustentava o livro no seu dorso, e que poderia ser usada para leitura e pregação.

Na Idade Média, começaram também a ser lentamente introduzidas estantes de pé portáteis, com uma zona de apoio de madeira ou couro, sobre uma coluna ou armação de madeira, que mais tarde passaram a ser articuladas. No período barroco, a estante de altar difundiu-se e as estantes de estrutura fixa, ou dobráveis com pernas de tesoura, foram enriquecidas com entalhes, douramentos e motivos decorativos que a tornaram uma belíssima peça de arte. A zona de suporte do livro passou a ser trabalhada com detalhe e delicadeza como se fosse uma escultura, mas no século seguinte, em oitocentos, a estante tornou-se totalmente prática e funcional, perdendo a sua feição artística. Geralmente, era coberta com um pano de seda retangular que pendia até quase ao chão, tendo a largura do suporte, sempre que possível fazendo conjunto com o paramento.

Atualmente, a liturgia da palavra é proclamada do ambão, o lugar próprio para ouvir com atenção a mensagem divina. [MJQM]

N.º: 6

Designação: Estante de Missal ou Atril
Cronologia: Séc. XIX, final – Séc. XX, início
Material e técnica: Madeira vazada e entalhada
Dimensões (cm): A. 25,5 x L. 40,4 x P. 33,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Paços de Ferreira, Santa Eulália
N.º Inv.: PLB0.0056

As Sacras

IHS
AQUAM BENEDICENS
MANUS LAVANS

"Que fazer, então? Rezarei com o espírito, mas rezarei também com a inteligência; cantarei com o espírito, mas cantarei igualmente com a inteligência. De outro modo, se tu elevas um cântico de louvor só com o espírito, como pode o que participa como simples ouvinte responder 'Amém' à tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes? A tua ação de graças será certamente muito bela, mas o outro não tira qualquer proveito."

1 CORÍNTIOS 14: 15-17

As sacras foram introduzidas como adereço de altar e auxiliar do sacerdote após o Concílio de Trento (1545--1563), quando a liturgia era ministrada de costas para o povo. Estas alfaias eram colocadas na parte de trás do altar, junto à banqueta, para recordar ao celebrante certas orações em latim, que ele recitava em voz baixa. Inicialmente, tratava-se apenas de uma única moldura que encaixilhava um texto com diversas orações. No século XVII, a essa sacra foram acrescentadas duas menores, que formaram um conjunto de três peças: uma central, de maiores dimensões, com orações; outra, à direita do altar, com as orações do Lavabo; e, a da esquerda,

N.º: 7

Designação: Sacras (conjunto)
Cronologia: Séc. XIX, final – Séc. XX, início
Material: Papel impresso, metal
Dimensões (cm): Sacra maior – A. 33,2 x L. 36,5 x P. 2,5;
Sacras menores – A. 31,2 x L. 21,2 x P. 2,1; A. 31 x L. 21,2 x P. 2
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Codessos, São João Baptista
N.º Inv.: PL20.0071 (3)

com o prólogo do Evangelho segundo São João (João 1, 1-18). Os textos das preces eram impressos em folhas de papel, monocromáticas ou, pelo contrário, de variadas cores, encaixilhados nas molduras que poderiam ter uma enorme diversidade de formas, desde a mais simples e modesta às mais lavradas e opulentas. Eram trabalhadas com materiais pobres, como madeira ou metais, embora por vezes também aparecessem outras muito sumptuosas e trabalhadas em metais nobres. No fim da missa eram retiradas e guardadas. Estas alfaias, que existiam em todos os altares, deixaram de ser usadas após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II (1962-1965), pois a liturgia deixou de ser em latim e as orações estavam publicadas no missal, em língua nacional. [MJQM]

N.º: 8

Designação: Sacras (conjunto)
Cronologia: Séc. XIX, final – Séc. XX, início
Material: Papel impresso, metal
Dimensões (cm): Sacra maior – A. 27,1 x L. 39 x P. 2; Sacras menores – A. 31,1 x L. 21,7 x P. 2; A. 31 x L. 21,5 x P. 2
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São Martinho
N.º Inv.: PL30.0108 (3)

A Cruz

“Chamando a si a multidão, juntamente com os discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou que pode o homem dar em troca da sua vida?’”

MARCOS 8: 34-37

“Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, que a assembleia possa ver bem. Convém que, mesmo fora das ações litúrgicas, permaneça junto do altar uma tal cruz, para recordar aos fiéis a paixão salvadora do Senhor.”

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO, 308

A cruz é, simultaneamente, um símbolo da Paixão de Cristo, que se sacrificou por nós, e um símbolo da nossa crença e da nossa união com Ele.

A palavra cruz tem origem no latim, *crux-crucis*.

N.º: 9

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XV
Material: Latão
Dimensões (cm): A. 39,5 x L. 33 x P. 1
Peso (g): 2308,3
Proprietário: Paços de Ferreira,
Paróquia de Carvalhosa, São Tiago
N.º Inv.: PL10.0051

N.º: 10

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XV
Material: Latão
Dimensões (cm): A. 59,7 x P. 31 x L. 10,2
Peso (g): 1304,6
Proprietário: Paços de Ferreira,
Paróquia de Paços de Ferreira, Santa Eulália
N.º Inv.: PLB0.0811

N.º: 11

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XV
Material: Latão
Dimensões (cm): A. 56,1 x L. 33,2 x P. 9
Peso (g): 1096,8
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Codessos, São João Baptista
N.º Inv.: PL20.0050

N.º: 12

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XV
Material: Latão
Dimensões (cm): A. 55,5 x L. 28,6 x P. 10
Peso (g): 1239,2
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Sanfins de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PLE0.0070

N.º: 13

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XV
Material: Latão
Dimensões (cm): A. 41,6 x L. 31,8 x P. 2
Peso (g): 1213,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Lamoso, Nossa Senhora da Hora
N.º Inv.: PL80.0057

A cruz de Cristo é, vulgarmente, representada pela interseção de duas linhas em ângulo reto, sendo a vertical mais comprida do que a horizontal. A cruz usada na Liturgia é, de um modo geral, feita em metal nobre, ouro ou prata, mas também em madeira simples ou em talha dourada. Na interseção dos braços da cruz apõe-se a imagem de Cristo crucificado, feita, também ela, vulgarmente em metal ou madeira.

Quando falamos da cruz usada na Liturgia podemos estar a referir-nos à Cruz do Altar ou à Cruz Processional. [IMF]

N.º: 14

Designação: Cruz Processional
Cronologia: 1877-1881
Material: Prata
Dimensões (cm):
A. 96,7 x L. 45,1 x P. 11,5
Peso (g): 2694,9
Marcas: P-62A – Marca de ensaiador da prata, do Porto, José Rodrigues Teixeira como ensaiador definitivo.
Datável de c. 1877-1881 (ALMEIDA, 1991:198).
Marca de ourives não identificada.
Marca localizada no bordo da base.
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Seroa, São Mamede
N.º Inv.: PLF0.0071

N.º: 15

Designação: Cruz Processional
Cronologia: Séc. XIX, último quartel – Séc. XX, 1.ª metade
Material: Prata branca e prata dourada (resplendor)
Marcas: V. A. n.º 73 – Marca de garantia de prata do toque de 0.833, usada na contrastaria do Porto, de 1887 a 1937 (VIDAL; ALMEIDA, 1974: 8, 2).
Marca de ourives não identificada.
Marca localizada no bordo da base
Dimensões (cm):
A. 106 x L. 44 x P. 17
Peso (g): 2430,0
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Carvalhosa, São Tiago
N.º Inv.: PL10.0082

N.º: 16

Designação: Cruz Processional
Cronologia: 1907
Material: Prata
Marcas: Marca ilegível da contrastaria do Porto.
Marca localizada no bordo da base.
A paróquia e a data de doação estão gravadas no nó da peça: «LAMOSO 1907».
Dimensões (cm):
A. 111 x L. 47,5 x P. 16,3
Peso (g): 2875,4
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Lamoso, Nossa Senhora da Hora
N.º Inv.: PL80.0113

N.º: 17

Designação: Cruz Processional
Cronologia: 1985
Material: Prata
Marca: Não tem
Dimensões (cm):
Cruz: A. 111,1 x L. 64,3 x P. 11,1;
Vara: A. 131 x Espessura 2,5
Peso (g): 7382,2; Vara: 1400
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Carvalhosa, São Tiago
N.º Inv.: PL10.0084

O Cálice
e a Patena

“Disse-lhes Jesus: ‘Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei de ressuscitá-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue, uma verdadeira bebida. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive e Eu vivo pelo Pai, também quem de verdade me come viverá por mim’.”

JOÃO 6: 53-57

“O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão.”

1 CORÍNTIOS 10: 16-17

N.º: 18

Designação: Cálice
Autor: Companhia Aurifícia
Cronologia: 1877-1881
Material: Prata branca e prata dourada (copa)
Marcas: Possui dois conjuntos de marcas. Na base: P-79 – Variante do ensaiador do Porto, Guilherme Guedes Mancilha. Datável de 1877-1881 (ALMEIDA, 1991:201); P-191 – Marca do Porto, da Companhia Aurifícia, datável de 1870-1881 (ALMEIDA, 1991:223). Na copa: V. A. 65 – Marca de garantia da prata do toque 0,833, usada na contrastaria do Porto, desde 1938 (VIDAL; ALMEIDA, 1974: 13, 2).
Marca localizada no bordo da copa interior e exterior e bordo da base.
Dimensões (cm): A. 22,9 x Ø 12,5
Peso (g): 423,7
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Figueiró, São Tiago
N.º Inv.: PL50.0101

O cálice é um recipiente com copa e pé alto, feito vulgarmente em metal nobre, ouro ou prata. O termo cálice tem origem no grego, *kylix*, e no latim, *cálix*. A patena, palavra de origem latina que significa pequeno prato, também é vulgarmente feita em metal nobre, ouro ou prata. Cálice e patena formam um conjunto sendo, por isso, de um modo geral, esteticamente semelhantes.

Cálice e patena são usados na Liturgia Eucarística, sendo o cálice também usado na Comunhão.

Na Liturgia Eucarística, o cálice simboliza o Sangue de Cristo e a patena destina-se a conter a Hóstia Maior ou Magna que simboliza o Corpo de Cristo. Ambos nos remetem para a Última Ceia.

Associado ao cálice e à patena devemos referir: o **sanguíneo, sanguinho** ou **purificatório**, pano retangular usado na purificação do cálice e também, se necessário, na limpeza dos dedos e lábios do sacerdote durante a Li-

turgia Eucarística; a **pala**, hoje, vulgarmente, um pedaço de cartão, revestido de pano branco, utilizado para cobrir o cálice durante a Missa; o **corporal**, pano branco que o sacerdote desdobra no altar e sobre o qual são colocados apenas a patena com a Hóstia Maior ou Magna, o cálice e, por vezes, também a píxide, simbolizando o pão e o vinho, o Corpo e Sangue de Cristo.

N.º: 19

Designação: Cálice
Cronologia: Séc. XIX
Material: Prata e prata dourada (copa)
Marca: Não tem
Dimensões (cm): A. 31,3 x L. 14
Peso (g): 562,7
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Freamunde, Divino Salvador
N.º Inv.: PL70.0140

N.º: 20

Designação: Cálice com Patena
Autor: José Rodrigues Teixeira
Cronologia: Séc. XIX, último quartel
Material: Prata branca e prata dourada
Marcas: V. A. n.º 73 – Marca de garantia de prata do toque de 0.833, usada na contrastaria do Porto, de 1887 a 1937 (VIDAL; ALMEIDA, 1974: 14, 2).
Marca de ourives não identificável
Inscrição gravada: «Off.º pelo Snr.º Agostinho Dius [sic] Coelho»
Marca na copa, no bordo exterior.
Dimensões (cm): Cálice: A. 26,6 x L. 12,5; Patena: A. 0,4 x L. 13,5
Peso (g): Cálice: 440,8; Patena: 99,3
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Arreigada, São Pedro
N.º Inv.: Não tem

N.º: 21

Designação: Cálice com Patena
Autor: José Rodrigues Teixeira
Cronologia: Séc. XIX, último quartel – Séc. XX, 1.ª metade
Material: Prata branca e prata dourada (copa)
Marcas: V. A. n.º 73 – Marca de garantia de prata do toque de 0.833 usada na contrastaria do Porto, de 1887 a 1937 (VIDAL; ALMEIDA, 1974: 14, 2).
Marca de ourives não identificável.
Marca localizada no bordo da base e na copa do cálice. Patena sem marca.
Dimensões (cm):
Cálice: A. 29,8 x L. 13,5; Patena: Ø 14 x Espessura 0,2
Peso (g): Cálice: 559,5; Patena: 100
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Frazão, São Martinho
N.º Inv.: PL60.0086 (2)

O cálice e a patena devem ser levados até ao altar, preparados previamente do seguinte modo: sobre o cálice, impecavelmente purificado, pousa-se o sanguíneo ou sanguinho; sobre este apõe-se a patena, também ela impecavelmente purificada; sobre esta coloca-se a Hóstia Maior ou Magna, destinada à Comunhão do Sacerdote; cobre-se a patena e a Hóstia Maior com a pala e, por fim, sobre este conjunto pousa-se o corporal dobrado vulgarmente em quadrado. [IMF]

N.º: 22

Designação: Cálice com Patena
Cronologia: Séc. XVII
Material: Prata
Marcas: Não tem. Possui a sigla gravada no bordo da base: «)(IIII».
Dimensões (cm): Cálice: A. 22,5 x L. 12,9; Patena: A. 0,2 x L. 10,90
Peso (g): Cálice: 319,5; Patena: 43,3
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Codessos, São João Baptista
N.º Inv.: PL20.0086 (2)

A Píxide ou Cibório

“Sagrada comunhão. Terminada a Oração dos Fiéis, o ministro dirige-se ao lugar onde se guarda a Eucaristia, toma o cibório ou píxide com o Corpo do Senhor, depõe-no sobre o altar e genuflete. A seguir, convida os fiéis à oração dominical. (…) Em seguida, o ministro genuflete, toma a hóstia, levanta-a um pouco sobre o cibório ou píxide e, voltado para os que vão comungar, diz: ‘Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’. (…) Em seguida, toma o cibório ou píxide, aproxima-se dos comungantes, e, elevando um pouco a hóstia, mostra-a a cada um deles dizendo: ‘O Corpo de Cristo’. (…) Terminada a distribuição da comunhão, o ministro deita na píxide os fragmentos que porventura tenham ficado na bandeja, e, se for necessário, lava as mãos. Se ainda sobrarem partículas, torna a colocar o Santíssimo Sacramento no tabernáculo e genuflete”.

IN SAGRADA COMUNHÃO E CULTO DO MISTÉRIO EUCARÍSTICO FORA DA MISSA

N.º: 23

Designação: Píxide
Cronologia: 1768-1792
Material: Prata
Marcas: P-13 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, João Coelho Sampaio, usada entre 1768-1784 (ALMEIDA, 1991: 189).
Marca de ourives não identificada.
Marca localizada no bordo da tampa e da copa, e no centro da base.
Dimensões (cm): A. 29,5 x L. 13,2
Peso (g): 640,6
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Figueiró, São Tiago
N.º Inv.: PL50.0103 (2)

A píxide ou cibório é uma das alfaias litúrgicas usadas no culto. O termo píxide tem origem no grego, *pyxís-ídos*, e latino, *pyxis-ĭdis*. O termo cibório tem também origem no grego, *kibórion*, e no latim, *ciborĭu*.

A píxide ou cibório deve ser feita em materiais nobres, vulgarmente prata ou ouro, sendo que, de um modo geral, adquire a forma de caixa de fundo plano ou de cálice com pé, sempre com tampa. Por vezes, no cume da tampa, é colocada uma pequena cruz.

A sua função é guardar as hóstias consagradas, servindo também para distribuir a Comunhão e expor o Santíssimo Sacramento. [IMF]

N.º: 24

Designação: Píxide
Cronologia: Séc. XX, meados
Material: Prata, vidro colorido
Marca: Não tem
Dimensões (cm): A. 30,4 x L. 16,9
Peso (g): 1041,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Paços de Ferreira, Santa Eulália
N.º Inv.: PLB0.0223 (2)

N.º: 25

Designação: Píxide
Cronologia: Séc. XVIII
Material: Prata branca e prata dourada
Marcas: P-11 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, Domingos de Sousa Coelho, usada entre 1758-1768 (ALMEIDA, 1991: 189); P-488 – Marca de ourives do Porto, não identificado, datável do séc. XVIII (ALMEIDA, 1991: 278).
Marca localizada no bordo da tampa e na base.
Dimensões (cm): A. 26 x L. 13,7
Peso (g): 603
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Freamunde, Divino Salvador
N.º Inv.: PL70.0120 (2)

N.º: 26

Designação: Píxide
Cronologia: Séc. XVIII
Material: Prata
Marcas: P-11 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, Domingos de Sousa Coelho, usada entre 1758-1768; Marca de ourives não identificado (ALMEIDA, 1991: 189).
Marca localizada no bordo da tampa (interior e exterior), e na base.
Dimensões (cm): A. 22,6 x L. 12,7
Peso (g): 538,8
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Modelos, São Tiago
N.º Inv.: PLA0.0046 (2)

O Ostensório ou Custódia

N.º: 27

Designação: Ostensório
Cronologia: 1758-1768
Material: Prata branca e prata dourada, cristal incolor
Marcas: P-11 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, Domingos de Sousa Coelho, usada entre 1758-1768; Marca de ourives não identificado (ALMEIDA, 1991: 189); Marca de ourives do Porto, não identificado (ALMEIDA, 1991: 267). Marca localizada no bordo da base e no espigão.
Dimensões (cm): A. 64 x L. 25,5 x P. 17,4
Peso (g): 2648,9
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Seroa, São Mamede
N.º Inv.: PLA0.0044 (2)

"Em muitos lugares, é dedicado amplo espaço à adoração do Santíssimo Sacramento, tornando-se fonte inesgotável de santidade. A devota participação dos fiéis na procissão eucarística da solenidade do Corpo e Sangue de Cristo é uma graça do Senhor que anualmente enche de alegria quantos nela participam. (…) Compete aos Pastores, inclusive pelo testemunho pessoal, estimular o culto eucarístico, de modo particular as exposições do Santíssimo Sacramento e também as visitas de adoração a Cristo presente sob as espécies eucarísticas".

CARTA ENCÍCLICA *ECCLESIA DE EUCARISTIA*. JOÃO PAULO II

Ostensório, ou Custódia, é uma das mais significativas alfaias litúrgicas, servindo para expor solenemente a hóstia consagrada à devoção dos fiéis, no altar ou em procissão. É sempre feita em metal precioso, dado que simboliza a transubstanciação da hóstia consagrada no corpo de Cristo, ostentada à adoração dos fiéis. O ouro ou a prata, em que vulgarmente é feito, dá conta da veneração que devemos e prestamos ao Senhor, nosso Pai.

N.º: 28

Designação: Ostensório
Cronologia: 1784-c. 1796
Material: Prata, cristal incolor
Marcas: Variante de G-5 ou do V.A. 189 – Marca de ensaiador da prata, de Guimarães, Manuel José de Sousa (ALMEIDA, 1991: 58; VIDAL; ALMEIDA, 1974: 20, 1). G-64 – Marca de ourives de Guimarães, não identificada (ALMEIDA, 1991: 69). Marca localizada na base.
Dimensões (cm): A. 58,1 x L. 24,9 x P. 15,5
Peso (g): 2586
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Figueiró, São Tiago
N.º Inv.: PI50.0107 (2)

Ostensório deriva da palavra latina *ostensor*, significando *"*que mostra, que exibe*"*. Custódia tem a mesma origem, derivando da palavra *custodĭa* e significando "guarda, conserva".

A parte mais relevante do ostensório, ou custódia, é a luneta, cristal de quartzo ou vidro, dentro da qual é colocada a hóstia consagrada à adoração dos fiéis. Vulgarmente, a luneta de vidro é rodeada de raios simbolizando os raios de sol, ou seja, a luz de Cristo que ilumina a nossa vida.

Podemos considerar a existência de dois tipos de ostensório ou custódia: um, que apenas tem a luneta para a colocação da hóstia consagrada; outro, que é composto por cálice, onde se guardam as hóstias, e por hostiário, onde se expõe a hóstia consagrada. [IMF]

N.º: 29

Designação: Ostensório – Cálice
Cronologia: Séc. XVII-XVIII
Material: Prata branca e prata dourada, cristal incolor, vidro colorido
Dimensões (cm): A. 67,5 x L. 22,5 x P. 18,4
Peso (g): 3784,8
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Freamunde, Divino Salvador.
N.º Inv.: PL70.0142 (2)

N.º: 30

Designação: Ostensório – Cálice
Cronologia: Séc. XVII
Material: Prata branca e prata dourada
Dimensões (cm): A. 67,2 x Ø 19
Peso (g): 3015,2
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL30.0136 (2)

N.º: 31

Designação: Ostensório – Cálice
Cronologia: Séc. XVII-XVIII
Material: Prata dourada, vidros coloridos
Dimensão (cm): A. 78 x L. 24,4 x P. 20
Peso (g): 4931,3
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0076 (2)

As Galhetas de Altar

"Como o Sacerdote depois da Confissão e versos subir ao Altar, irá o acólito para a parte da Epístola tomar as galhetas e, posto de joelhos junto ao canto do Altar, com o rosto para o Celebrante, lhe oferecerá a do vinho com a mão direita, virada a asa, para a mão do Celebrante, e beijando, a galheta sem dizer cousa alguma. Como o Celebrante puser a galheta no prato, lhe oferecerá a da água, pegando-lhe pela asa, sem beijar a galheta nem a mão, dizendo: *Benedicite Pater Reverende* ou *Reverendissime* se for desta graduação, ou Abade, o que não dirá na Missa de Requiem. Também na Missa de Requiem nunca beijará cousa alguma que ministre. Depois de lançada a água no cálice, e postas as galhetas em seu lugar, voltará para o lado do Evangelho aonde estará de joelhos, junto ao supedâneo até o fim da Epistola"

IN CONGREGAÇÃO DE SÃO BENTO – CERIMONIAL MONÁSTICO REFORMADO DA CONGREGAÇÃO DE S. BENTO DE PORTUGAL. 1820

N.º: 32

Designação: Galhetas com Bandeja
Autor: António Gomes Mendes
Cronologia: Séc. XIX, último quartel
Material: Prata repuxada e moldada. Asa fundida
Marca: P-79 – Variante da marca de ensaiador da prata, do Porto, Guilherme Guedes de Mancilha. Datável de 1877-1881 (ALMEIDA, 1991: 201); P-118 – Marca do ourives do Porto, António Gomes Mendes (ALMEIDA, 1991: 210).
Marca localizada na base do prato.
Dimensão total (cm): A. 10,3 x L. 14,8 x P. 20,2
Galheta do vinho: A. 10,2 x L. 7 x P. 5
Galheta da água: A. 10,3 x L. 6,5 x P. 5,5
Travessa: A. 5,4 x L. 14,8 x P. 20,2
Peso total (g): 416,8
Galheta do vinho: 117,1
Galheta da água: 115,6
Travessa: 181,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Freamunde, Divino Salvador
N.º Inv.: PL70.0123 (5)

As galhetas são dois pequenos recipientes de gargalo estreito, com bico, asa e tampa, vulgarmente em metal nobre e/ou vidro, os quais pousam sobre uma pequena travessa, e se destinam a conter o vinho e a água usados durante a Eucaristia. A água simboliza a humanidade e o vinho simboliza a divindade de Cristo.

Por vezes, associado às galhetas anda uma colherinha que serve para deixar cair a gota de água dentro do cálice onde já se encontra o vinho.

É o sacerdote que mistura no cálice o vinho e, de seguida, a água. A galheta do vinho deve ser agarrada com a mão direita e a da água com a mão esquerda.

A galheta da água também é usada na purificação do cálice, depois de a comunhão ter terminado.

O lugar das galhetas é sobre a credência e é daí que são levadas ao altar no momento da apresentação das oferendas. Terminada esta, retomam o seu lugar original. [IMF]

N.º: 33

Designação: Galhetas com Bandeja e Colher
Cronologia: 1985-1999
Material: Prata
Marcas: Marca da contrastaria do Porto, para a prata legal 0,925. Marca localizada no bordo da bandeja; no verso da base da galheta, ao centro.
Inscrição: Legenda gravada na orla da bandeja: «Para o Sr. Padre Carlos / Os grupos de paróquia de / Santa Eulália de Paços de Ferreira / 85-11-01»
Dimensão total (cm): A. 11,1 x L. 16,6 x P. 14,3
Galheta da água: A. 11,1 x L. 8 x P. 5,2
Galheta do vinho: A. 11,1 x L. 8,1 x P. 5
Travessa: A. 1 x L. 16,6 x P. 14,3
Colher: C. 9 x Ø 1,3
Peso total (g): 344,7
Galheta com tampa: 96,8
Galheta com tampa: 102,2
Travessa: 138,4
Colher: 7,3
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Paços de Ferreira, Santa Eulália
N.º Inv.: PLB0.0232 (6)

N.º: 34

Designação: Galhetas com Bandeja
Cronologia: Séc. XX
Material: Prata e vidro
Dimensão total (cm): A. 12,6 x L. 9 x P. 13,8
Galheta da água: A. 10,8 x L. 7,6 x P. 7,1
Galheta do vinho: A. 11 x L. 8,3 x P. 7,1
Travessa com pega: A. 12,6 x C. 13,8 x L. 7,8
Peso total (g): 428,7
Galheta da água: 150,9
Galheta do vinho: 159,5
Travessa com pega: 118,3
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Seroa, São Mamede
N.º Inv.: PL60.0087 (5)

A Naveta
e o Turíbulo

“Outro anjo, que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e ficou em pé junto ao altar. A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Então, o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”.

APOCALIPSE 8: 3-4

“Senhor, a ti clamo, escuta-me; inclina os teus ouvidos à minha voz, quando a ti clamar. Suba a minha oração perante a tua face como incenso, e as minhas mãos levantadas sejam como o sacrifício da tarde”.

SALMOS 141: 1-2

N.º: 35

Designação: Turíbulo e Naveta com Colher
Cronologia: c. 1784-c. 1790
Material: Prata
Marcas: Marca igual em turíbulo e naveta:
P-15 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, atribuível a José Coelho Sampaio, como ensaiador-provisório, datável de c. 1784-c. 1790 (ALMEIDA, 1991: 190);
P-268 – Marca de ourives, do Porto, não identificado, datável de c. 1783-1836 (ALMEIDA, 1991: 237).
Marca em colher:
B-5 – Marca de ensaiador da prata, de Braga, não identificado, da segunda metade do séc. XVIII e, talvez do princípio do séc. XIX.
Marca de ourives não identificada (ALMEIDA, 1991: 27).
Marcas localizadas na base da naveta, bordo da chaminé do turíbulo.
Dimensão total (cm): A. 26,7 x L. 20,2
Turíbulo: A. 26,7 x L. 15; Peso 1245,6
Naveta: A. 16,3 x L. 20,2 x P. 8,5; Peso 550,2
Colher: A. 3 x L. 15,7 x P. 34; Peso 41,1

A naveta é o recipiente utilizado para guardar os grãos de incenso que se queimam durante as celebrações litúrgicas. Tinha frequentemente a forma de barco, daí lhe advindo o nome. A este vaso litúrgico anda associada uma colher e um turíbulo.

O turíbulo é composto por duas partes que se justapõem, a parte inferior é o recipiente onde se colocam as brasas e sobre as quais se colocará o incenso; a parte

Peso total (g): 1836,9
Turíbulo: 1245,6
Naveta: 550,2
Colher: 41,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL30.0130 (3)

superior, designada opérculo, funciona como uma espécie de tampa com furos, acima desta fica a cápsula, cujo cume tem uma argola. A unir estas três peças – recipiente, opérculo e cápsula – existem três ou quatro correntes ou cadeados que mantêm o conjunto unitário. As quatro correntes estão presas ao recipiente das brasas: uma delas passa por um furo existente no centro do opérculo e por outro existente também no meio da cápsula, sendo que no seu topo tem uma argola; as outras correntes saem do recipiente, prendem no opérculo e, finalmente, na cápsula.

A colher é usada para retirar os grãos de incenso de dentro da naveta e colocá-los no turíbulo, sobre as brasas. É ao sacerdote a quem compete quer a imposição do incenso dentro do turíbulo, quer a ação de incensar.

O sacerdote deve parar no local a incensar, manter a mão esquerda junto ao corpo e afastar a mão direita, na qual segura o turíbulo, colocando o opérculo à altura do olhar. Seguidamente, inicia um movimento pendular de baixo para cima. Ao movimento de elevação chama-se *ductos* e ao movimento pendular, de baixo para cima, chama-se *ictus*. [IMF]

N.º: 36

Designação: Turíbulo e Naveta com Colher
Cronologia: 1818-1836
Material: Prata
Marcas: No turíbulo: P-27 – Variante da marca de ensaiador da prata, do Porto, atribuível ao ensaiador António José de Sousa ou a Alexandre Pinto da Cruz. Usada entre 1818-1836 (ALMEIDA, 1991: 192).
Marca de ourives ilegível.
Marcas localizadas no bordo da base e zona inferior da chaminé.
Dimensões (cm):
Turíbulo: A. 16 x L. 21
Naveta: A. 24,7 x L. 14,3
Colher: A. 3,3 x L. 16
Peso total (g): 1611,4
Turíbulo: 1189,3
Naveta: 422,1
Colher: 11,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Sanfins de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PLE0.0119 (3)

N.º: 37

Designação: Turíbulo e Naveta com Colher
Cronologia: Séc. XIX, segunda metade
Material: Prata
Marcas: Iguais no turíbulo e naveta:
P-60 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, José Rodrigues Teixeira, variante da registada em 1870 e usada até c. 1877 (ALMEIDA, 1991: 198).
P-403 – Marca de ourives do Porto, atribuível a José Marques Guedes, datável de 1861-1886 (ALMEIDA, 1991: 262).
Marcas na colher:
P-50 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, José de Almeida Brandão Aguiar Penetra, usada entre 1861-1867 (ALMEIDA, 1991:196).
P-403 – Marca de ourives do Porto, atribuível a José Marques Guedes, datável de 1861-1886 (ALMEIDA, 1991:262).
Marcas localizadas no bordo do turíbulo, interior da base da naveta e verso do cabo da colher.
Dimensão total (cm): A. 25,8 x L. 15,9
Turíbulo: A. 25,8 x L. 12
Naveta: A. 16,4 x L. 15,9 x P. 7,7
Colher: A. 2 x L. 9,7 x P. 2,5
Peso total (g): 1221,2
Turíbulo: 679
Naveta: 529
Colher: 13,2
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL00.0058 (3)

A Banqueta

N.º: 38

Designação: Banqueta (cinco)
Cronologia: Séc. XVIII
Material: Madeira entalhada e vazada, com imagem policromada
Dimensões (cm):
Cruz: A. 117 x L. 39,5 x P. 20
Castiçais: A. 66,5 x L. 21 x P. 19
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL43.0004; PL43.0005; PL43.0006; PL43.0007; PL43.0008

“Jesus falou-lhes novamente: ‘Eu sou a luz do Mundo.
Quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida.’”

JOÃO 8: 12

A banqueta é constituída por um ou mais plintos sobrepostos em forma de escada, que existiam na faixa fundeira do altar, após o Concílio de Trento (1545-1563). Por vezes, era dourada ou revestida a chapa de prata, e era o local onde se colocavam três pares de castiçais com um crucifixo ao centro, formando um conjunto de peças que tomou a designação do suporte. Entre estas peças poderiam existir jarras de flores, relíquias ou imagens dos evangelistas, mas após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando o altar deixou o fundo da abside e passou para o presbitério, voltado para os crentes, os castiçais passaram para junto dele, ladeando-o, iluminando como símbolos da presença de Jesus Cristo na Santa Missa. [MJQM]

N.º: 39

Designação: Castiçais (seis)
Cronologia: Século XIX-XX
Material: Madeira entalhada, pintada e dourada
Dimensões (cm): A. 70,5 x L. 20,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Meixomil, Divino Salvador
N.º Inv.: PL0187; PL0188; PL0189; PL0190; PL0191; PL0192

Os Paramentos

“Veste-te sempre com vestidos brancos,
e haja sempre óleo perfumado na tua cabeça.”
ECLESIASTES 9: 8

Com a reforma concretizada após o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, renunciou-se ao antigo fausto e procurou-se caminhar para a simplicidade, realizando com sobriedade e despojamento as cerimónias religiosas, para que os crentes encontrassem o reconforto e renovação constante da sua fé.

Para realizar a Eucaristia, o sacerdote reveste-se dos paramentos sagrados, abençoados, e afirma-se com dignidade na sua função sacerdotal, como celebrante e ministro sagrado. A casula sob a alva cingida pelo cíngulo, e a estola, permitem-lhe ligar o Homem com Deus, com vista à sua reconciliação e complacência. O presbítero pode ainda usar o pluvial nas procissões.

N.º: 40

Designação: Pluvial
Cronologia: Séc. XVII
Material e técnica: Seda e linho. Brocatel
Dimensões (cm): A. 142 x L. 300
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0089

Na igreja, há outras funções que se refletem no uso de vestes diferentes. O diácono usa a dalmática, também sobre a alva e a estola a tiracolo, os acólitos, os leitores e os leigos vestem a alva. As vestes são da cor usada no tempo litúrgico respetivo. Branco geralmente para o Natal, festas da Virgem Maria e outras; o vermelho para a Paixão de Cristo e as festas dos santos mártires; o verde para o tempo comum; o roxo para o advento, quaresma e missas de defuntos. Pode ainda usar o preto nas paróquias em que é tradicional usar esta cor. Pode também vestir de rosa no Domingo do *Gaudete* (Advento) e no de *Laetare* (Quaresma). Os paramentos podem estar decorados com imagens ou símbolos sagrados, lavrados, bordados ou pintados.

Os tecidos mais delicados são de linho, os quais estão frequentemente em contacto com as espécies sagradas. Entre estes, refiram-se o corporal, que se coloca sobre a toalha de altar e sob os vasos sagrados e o sanguinho para limpar o cálice, a pala para proteger o conteúdo do cálice, e a patena após a comunhão. No século IV, o Papa Silvestre I referia que no revestimento sagrado se devia usar linho puro, como sinal de respeito e veneração. [MJQM]

N.º: 41

Designação: Casula e Estola
Cronologia: Séc. XVIII, final – Séc. XIX, início
Material e técnica: Seda lavrada com motivos florais; galão e franja em lâmina metálica dourada
Dimensões (cm):
Casula: A. 110 x L. 78
Estola: A. 224 x L. 18
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL30.0147 (2)

N.º: 42

Designação: Casula
Cronologia: Séc. XVIII, 2.ª metade
Material e técnica: Damasco de seda verde lavrado com motivos florais; galão em lâmina metálica dourada; forro em tela alinhada e encerada
Dimensões (cm): A. 109,5 x L. 70
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Sanfins de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PLE0.0152

N.º: 43

Designação: Casula
Cronologia: Séc. XIX, 1.ª metade
Material e técnica: Damasco de seda lavrado com motivos florais; galão de seda bicolor formando uma cruz frontal; forro em tela alinhada, encerada.
Dimensões (cm): A. 109,5 x L. 70
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Sanfins de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PLE0.0149

N.º: 44

Designação: Paramento com o Sagrado Coração de Jesus (conjunto)
Cronologia: Séc. XX, meados
Material: Cetim de seda pintado com silvas de flores miúdas, formando painéis. Ao centro, possui o Sagrado Coração de Jesus; orla com galão em lâmina metálica dourada.
Dimensões (cm):
Dalmáticas (par): A. 102 x L. 122
Casula: A. 101 x L. 65
Véu de cálice: A. 57 x L. 51,7
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0097 (4)

O Santíssimo Sacramento

“Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiram com Ele, dizendo: ‘Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.’ Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: ‘Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?’”

LUCAS 24: 28-32

A Eucaristia é o mais importante dos sacramentos, porque Jesus Cristo está presente na consagração do pão e do vinho, que Ele próprio instituiu na Última Ceia. Os primeiros cristãos celebravam regularmente a Santa Missa e verificaram que se tornava indispensável existir uma reserva eucarística, para a disponibilizar nas várias necessidades que frequentemente surgiam: levá-la aos doentes, aos presos, fazer a sua adoração e devoção, ou para outras solicitações prementes. Por isso, foram criando algumas formas de acondicionar a reserva eucarística, com a finalidade de a tornar acessível e simultaneamente lhe dar uma maior dignidade. Durante a Contrarreforma, no século XVI, o Concílio de Trento (1545-1563) pronunciou-se categoricamente sobre esta carência, confirmando que este sacramento deveria ser conservado não num armário ou móvel, mas num sacrário colocado em frente do altar-mor de uma igreja, onde pudesse estar presente na comunidade e ser adorado. Foram então definidas normas para a concessão de licenças para a colocação do sacrário, que tinham em conta o número de fiéis da paróquia, a avaliação do estado de conservação da igreja, a definição de regras para a construção do tabernáculo, a capacidade económica da paróquia e a possibilidade de a comunidade manter permanentemente acesa uma lâmpada de azeite. Esta vontade de possuir um sacrário, levou a que as paróquias e os seus paroquianos fossem criando regras para instalar o sacrário, permitindo aos crentes receberem o Sagrado Viático em sua casa, com dignidade e asseio, pois era “semente de vida eterna e força de ressurreição”, ou o “sacramento da passagem da morte para a vida, deste mundo para o Pai”.

Uma destas opções foi a fundação de Confrarias do Santíssimo Sacramento, com a finalidade de realizarem devoção ao Santíssimo Sacramento nas suas paróquias,

N.º: 45

Designação: Adoração do Santíssimo Sacramento (painel)
Cronologia: Séc. XX, meados
Material e técnica: Óleo sobre tela
Dimensões (cm): A. 250 x L. 141,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Figueiró, São Tiago
N.º Inv.: PL50.0120

N.º: 48

Designação: Vara de Juiz
Cronologia: 1877-1881
Material: Prata branca e prata dourada (timbre)
Marcas: P-62A Ensaiador da prata, do Porto, José Rodrigues Teixeira, variante de P-62, de cerca de 1877-1881 (ALMEIDA, 1991, 198).
P-481 – Marca de ourives da prata, do Porto, não identificado; variante de P-481, datável de 1861-1881 (ALMEIDA, 1991, 276).
Dimensões (cm): A. 170 x L. 1,9
Peso (g): 700
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Arreigada, São Pedro
N.º Inv.: PL00.062

N.º: 46

Designação: Guarda-vento
Cronologia: Séc. XIX-XX
Material: Feltro decorado com bordado de aplicação
Dimensões (cm): A. 268 x L. 269,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Codessos, São João Baptista
N.º Inv.: PL20.0073

N.º: 47

Designação: Campainha
Cronologia: 1881
Material: Bronze, latão
Inscrição: Relevada. «LOUVADO SEJA O SANCTISSIMO SACRAM. / 1881»
Dimensões (cm): A. 27,1 x L. 13,6
Peso (g): 2127,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Frazão, São Martinho
N.º Inv.: PL60.0044

e para auxiliar a instalação do sacrário na sua igreja, prestando-lhe o culto e a realização de procissões. Inicialmente, a principal obrigação dos confrades era acompanhar o Sagrado Viático aos doentes e moribundos, mas, mais tarde, essa tarefa passou para os paroquianos, ficando a Confraria do Santíssimo Sacramento com a obrigação de fazer a devoção ao Santíssimo, realizar mensalmente uma missa votiva seguida de procissão, e organizar a festa anual do Santíssimo Sacramento ou do Corpo de Deus. [MJQM]

N.º: 49

Designação: Vara de Irmandade
Cronologia: 1818-1838
Material: Prata
Marcas: P-26 – Marca de ensaiador da prata, do Porto, António José de Sousa, datada entre 1818-1838 (ALMEIDA, 1991:192).
Dimensões (cm): A. 162,2 x L. 1,8
Peso (g): 931,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Eiriz, São João Evangelista
N.º Inv.: PL30.0137

N.º: 50

Designação: Vara de Irmandade
Cronologia: Séc. XIX-XX
Material: Prata
Marcas: Marca ilegível
Dimensões (cm): A. 174,5 x L. 2,1
Peso (g): 1167
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Penamaior, Divino Salvador
N.º Inv.: PLC0.0090

N.º: 51

Designação: Vara de Juiz
Cronologia: 1810-1818
Material: Prata
Marca: P-22 – Contraste da prata, do Porto, do ensaiador Alexandre Pinto da Cruz, usada entre 1810-1818 (ALMEIDA, 1991:191).
Dimensões (cm): A. 173,5 x L. 1,8
Peso (g): 1112,1
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Seroa, São Mamede
N.º Inv.: PLF0.0072

O Culto dos Santos

“De facto, Deus não nos destinou à ira mas à posse da salvação por meio
de Nosso Senhor Jesus Cristo que morreu por nós, a fim de que,
quer durmamos, quer estejamos vigilantes, com Ele vivamos unidos.
Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como já o fazeis.”

1 TESSALONICENSES 5:9

N.º: 52

Designação: São Pedro
Cronologia: Séc. XV
Material: Pedra de Ançã. Escultura de vulto, cinzelada e sem cor
Dimensões (cm): A. 95 x L. 28,5 x P. 28
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0001

Para além da sua atividade doutrinal e litúrgica, a igreja católica deu uma ênfase especial ao culto dos santos e dos mártires, concedendo uma relevância particular ao dedicado à Virgem Maria, como Mãe de Deus.

Concretizando esta necessidade, vários crentes reuniram-se criando irmandades, que em fraternidade religiosa realizavam a veneração da Virgem ou de um santo padroeiro, promovendo missas em sua honra, ou por alma dos irmãos falecidos. Promoviam também a entreajuda entre os irmãos e o auxílio a necessitados e peregrinos, organizavam viagens a outros santuários de devoção, procissões comemorativas e romarias populares. Para isso procuravam frequentemente ornamentar as imagens da sua veneração, evidenciando-as para fomentarem a piedade cristã. Estas venerações incrementaram o uso e a produção de determinados artefactos que, de acordo com a época e o local, eram usados para expressar a sua religiosidade. Podiam ser imagens devocionais, artefactos ou adornos de imagens como coroas ou auréolas, vestes ornamentadas ou símbolos iconográficos exclusivos em metais nobres, cortinas de guarda-vento

bordadas com o símbolo da irmandade ou do santo, medalhas de devoção, rosários, estampas de imagens, ex-votos de várias naturezas reconhecendo a graça recebida, ou ainda mobiliário ou outros adereços para uso religioso. Alguns objetos ainda fazem parte das imagens antigas, outros ainda são utilizados, outros encontram-se arrumados, mas integrando ainda parte do acervo das paróquias. [MJQM]

N.º: 53

Designação: São Pedro
Cronologia: 1646
Material: Óleo sobre madeira
Inscrição: ANNO (pintada na zona inferior da tábua)
Dimensões (cm): A. 194 x L. 74
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0083
Pertenceu ao retábulo-mor do Mosteiro de São Pedro de Ferreira

N.º: 54

Designação: São Paulo
Cronologia: 1646
Material: Óleo sobre madeira
Inscrição: 1646 (pintada na zona inferior da tábua)
Dimensões (cm): A. 195 x L. 73
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0084
Pertenceu ao retábulo-mor do Mosteiro de São Pedro de Ferreira

Outros Objetos Litúrgicos

N.º: 55

Designação: Cadeira de Celebrante com Braços
Cronologia: Séc. XVIII
Material: Madeira entalhada, couro lavrado e pregaria de latão
Dimensões (cm):
A. 143 x L. 59 x P. 52,5
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Arreigada, São Pedro
N.º Inv.: PL00.0024

N.º: 56

Designação: Cadeira de Celebrante com Braços
Cronologia: Séc. XIX
Material: Madeira entalhada, couro lavrado e pregaria de latão
Dimensões (cm):
A. 147 x L. 73 x P. 51
Proprietário: Paços de Ferreira, Paróquia de Ferreira, São Pedro
N.º Inv.: PL40.0027

Bibliografia

ALMEIDA, Fernando Moitinho de – *Inventário de marcas de prata portuguesas e brasileiras: Século XV a 1887*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

SILVA, Hilário Oliveira da – *Colocação do sacrário nas igrejas do Arciprestado de Guimarães.* Confrarias do Santíssimo Sacramento. Guimarães: edição de autor, 2002.

VIDAL, Manuel Gonçalves; ALMEIDA, Fernando Moitinho de – *Marcas de contrastes e ourives portugueses.* 2.ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974. 2 vols. (1.ª ed. 1958).

Autoras

ISABEL MARIA FERNANDES [IMF]

Licenciada em História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1981). Possui o curso de Conservador de Museu (Lisboa, 1983). Doutorou-se em Idade Contemporânea, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (2013). Foi conservadora do Museu de Olaria entre 1983 e 1995; diretora do Museu de Alberto Sampaio, entre 1999 e 2010; técnica superior no Museu de Alberto Sampaio / Paço dos Duques, entre 2012 e 2014. Atualmente, é diretora do Museu de Alberto Sampaio, Paço dos Duques de Bragança e Castelo de Guimarães.

Tem-se dedicado ao estudo da cerâmica portuguesa, procurando também dar o seu contributo para a reflexão sobre temáticas relacionadas com a gastronomia histórica, os museus e o estudo e inventariação do património móvel. Tem escrito principalmente sobre cerâmica portuguesa, mas também sobre gastronomia histórica e algumas temáticas relacionadas com a museologia.

MARIA JOSÉ QUEIRÓS MEIRELES [MJQM]

Licenciada em História, com o curso de Especialização em Ciências Documentais, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e o Mestrado em Arqueologia Urbana, pela Universidade do Minho.

Trabalhou no Museu de Agricultura de Fermentões, no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, na Sociedade Martins Sarmento e na Biblioteca da Fundação A Lord. Atualmente, é técnica superior do Museu de Alberto Sampaio, onde exerce funções na biblioteca, na área da gestão de coleções museológicas e na inventariação do património móvel.